

JUVENTUDES

Nosso jeito de compreender e atuar junto
aos jovens contemporâneos



“A educação é uma obra de amor” Champagnat

POSICIONAMENTO

Nosso jeito de compreender e atuar junto aos jovens contemporâneos

JUVENTUDES

POR QUE UM POSICIONAMENTO SOBRE JUVENTUDES?

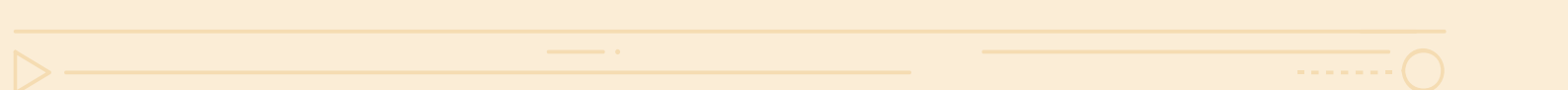
Por que uma instituição que nasceu para e pelos jovens necessitaria reafirmar seu posicionamento sobre eles?

Talvez cause estranhamento a necessidade que temos, enquanto Rede Marista, de redigir, relembrar, reforçar uma opção que está em nossa gênese: a de evangelizar as juventudes, assim como as crianças, os adolescentes e, ao longo do desenvolvimento de nossa missão, também os adultos.

Faz-se necessário porque, embora saibamos que foi o encontro com um jovem que motivou São Marcelino Champagnat a fundar sua obra e que foi pelas juventudes que ele escolheu entregar sua vida à missão, a clareza sobre estes fatos não implica, necessaria-

mente, na compreensão sobre os jovens, suas realidades, culturas e identidades.

Sabemos que existimos pelas juventudes, mas em meio a uma mudança de época, de paradigmas, de jeitos de ser e de viver, é um desafio permanente traduzir esse discurso em nossas práticas cotidianas. Não é novidade que para grande parte do mundo adulto – e, portanto, das organizações – há certa dificuldade em saber como lidar e conviver com as juventudes contemporâneas, como relacionar-se, como conhecê-las e compreendê-las. Quem entende, mas não aceita, quem aceita, mas eventualmente não entende atitudes, comportamentos, posturas, modos de pensar dos jovens, não os compreende efetivamente. Compreender, diferente de en-



tender e aceitar, significa abraçar por completo, apreender em conjunto sem distinção, abarcar com os braços (MORIN, 2001; SODRÉ, 2006) e com coração.

E isso só é possível conhecendo-os e abrindo-nos para a novidade que habita em cada jovem. Conhecer os jovens é condição prévia para evangelizar, afinal, não se pode evangelizar e tampouco amar quem não se conhece (CNBB, 2007). O movimento de conhecimento e compreensão é, no fundo, um exercício de alteridade, de acolhida ao diferente, de aceitação do outro sem julgamentos prévios, de amor.

Em resposta à necessidade de (re) pensar a relação com as juventudes nos diversos espaços em que atuamos, a Rede Marista nomeou o Comitê Juventudes,

instância ligada à Presidência com o objetivo de desenvolver projetos, ações e estratégias que contribuam com a valorização dos jovens na cultura institucional e social. Entre as iniciativas do Comitê, está a redação deste posicionamento que revela, em síntese, um conjunto de compromissos.

Optamos pela expressão posicionamento, pois é esse o sentido que queremos dar ao que aqui está escrito: um conjunto de princípios e compromissos que todo e qualquer espaço de missão marista e seus profissionais, necessitam assumir em relação às juventudes. Mais do que afirmar nossa posição em relação aos jovens, enquanto sujeitos, o objetivo do posicionamento é reafirmar o lugar central que eles ocupam em nossa identidade. A evangelização dos jovens está no coração da da nossa prática educativa



e, portanto, entre as nossas prioridades mais urgentes (INSTITUTO MARISTA, 2011).

Compreendemos o conjunto da nossa atuação nas diferentes frentes (Colégios, Unidades Sociais, Universidade, Hospital, Animação Vocacional, atuação missionária), como espaços permanentes de práticas educativas-evangelizadoras. **Por isso, independente da natureza da nossa atividade, ser marista implica em situar os jovens a partir da perspectiva institucional, que traz em si um olhar sensível e compreensivo, com respeito e amor, que percebe as juventudes como fonte de renovação da sociedade, como luz do mundo e esperança do futuro.** Em sintonia com a Igreja – porque somos Igreja – vemos os jovens como realidade teológica em sua dimensão de mistério inesgotável e de perene novidade (CNBB, 2007).

Em nossas raízes institucionais está o apelo, certamente conhecido de muitos dos que agora têm este posicionamento em mãos: ir ao encontro dos jovens lá onde eles estão (CONSTITUIÇÃO E ESTATUTOS, ART. 83). Eis aqui um primeiro compromisso, legado de São Marcelino Champagnat, o de ir ao encontro dos jovens. Esse compromisso pressupõe colocar-se em movimento e superar a comodidade física e de pensamento: comodidade física porque é preciso efetivamente caminhar em sua direção; e a comodidade de pensamento, porque é preciso repensar profundamente, estar aberto a conhecer o novo, e abandonar eventuais (pré)conceitos que impedem um olhar sensível e atualizado sobre as juventudes.



QUE JOVEM É ESSE?

Juventude é uma palavra bastante conhecida e utilizada em nosso cotidiano. É uma daquelas palavras que “todo mundo entende” e que, portanto, permitiria uma compreensão “homogênea e cristalina”. Percebe-se, no entanto, que ela abarca diferentes sentidos, sendo usada em diferentes contextos, com diferentes significados. Muitos creem que se refere a certa faixa etária, outros acreditam que se trata de um determinado período da vida, e, ainda, há quem perceba como apenas um estado de espírito. **Mas, afinal, o que é mesmo juventude?**

A palavra juventude remete-nos à ideia de uma fase da vida situada entre a infância e a vida adulta, entre a dependência, caracterizada pela primeira, e a autonomia,

caracterizada pela segunda. Mas, ainda que na maior parte das sociedades, ao longo da história, a ideia de fases da vida esteja de alguma forma presente, elas adquirem diferentes recortes e significados.

A noção de juventude, assim como as demais etapas do ciclo da vida, apresenta-se como uma construção sócio-histórico-cultural. Em cada sociedade, época histórica, e de acordo com os diferentes grupos que a compõem, as fases da vida assumirão contornos específicos quanto à duração, às suas características e seus significados. Por isso, a partir dos anos 2000, adotou-se o termo juventudes no plural, pois as formas pelas quais os jovens irão viver sua juventude diferenciam-se enormemente em função de

sua classe social, das relações de gênero que experimentam, de sua raça/etnia, da região em que moram, de sua escolaridade, de sua experiência pessoal, etc. Como podemos perceber, não é tão simples assim compreender o conceito de juventudes.

No Brasil, de acordo com o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013), adota-se o termo juventudes e a idade de 15 a 29 anos¹. Nós, da Rede Marista, compreendemos que o conceito de juventudes inclui sujeitos que vivem a condição juvenil, não se restringindo apenas à questão etária. Por exemplo, um adolescente de 12 ou 13 anos que integra grupos juvenis é compreendido como jovem². Pode-se considerar que a adolescência é uma primeira etapa de uma

¹ O Estatuto da Juventude, sob a lei nº 12.852/2013, determina o período entre 15 e 29 anos. ² Vale ressaltar que, dependendo do campo do conhecimento, há denotações e delimitações diferentes sobre a diferenciação entre adolescência e juventude. Por exemplo, a Psicologia tende a privilegiar a noção de adolescentes, já as Ciências Sociais costumam adotar a noção de juventudes. Em cada campo disciplinar também existem polêmicas próprias, com um debate entre diferentes concepções (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 109)



idade da vida mais ampla, que é a juventude, ou seja, integra um dos diferentes momentos da vida juvenil. Além da complexidade sobre a noção juventudes, há também o desafio de compreender as diferentes, e por vezes contraditórias, imagens e percepções³ sobre os jovens, como apresentamos a seguir.

³ FEIXA, Carles. FEIXA PÀMPOLS, Carles. A construção histórica da juventude. In: CACCIA-BAVA, Augusto et all. *Jovens na América Latina*, p. 257-327.

A URGÊNCIA DE OLHARES RENOVADOS

*“vejo na TV o que eles falam sobre os jovens não é sério
O jovem no Brasil nunca é levado a sério (...)
Sempre quis falar, nunca tive chance
Tudo que eu queria estava fora do meu alcance (...)”.*

*(Música **Não é sério** – Charlie Brown Jr)*

O trecho da música traduz e denuncia um paradoxo vivenciado pelos jovens no Brasil. Por um lado, características e valores atribuídos às juventudes tais como energia, estética corporal, busca do novo, entre outros, são elogiados e até mesmo idealizados também pelo mundo adulto. Todos querem ser e parecer jovens num processo que já foi chamado de “juvenilização” (DAYRELL; CARRANO, 2014, p.105) da sociedade. Apesar

desse elogio da imagem das juventudes, os jovens, em especial os dos setores populares, não são beneficiados por políticas públicas suficientes que lhes garantam o acesso a bens materiais e culturais, além de espaços e tempos onde possam vivenciar plenamente essa fase tão importante da vida.

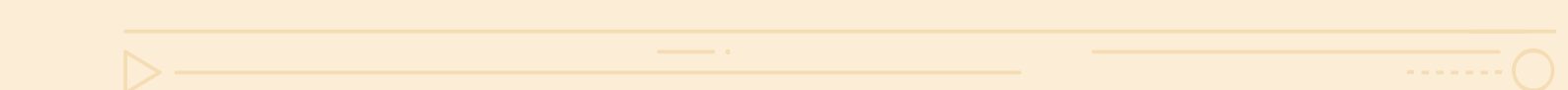
Por outro lado, há uma tendência de não levar os jovens a sério, pois muitas ve-

zes não são considerados como interlocutores válidos na hora da tomada de decisões importantes, seus clamores não são escutados, não são percebidos como parceiros, mas sim, quase que como ameaças. Embora se tenha ampliado a participação através de espaços como os Conselhos Nacional, Estaduais e Municipais de Juventudes, estes ainda são restritos e se encontram num estágio inicial de atuação. Da mesma forma, nos espaços de missão marista, ainda que a ideia do protagonismo juvenil esteja presente, necessitamos ampliar a sua prática através de iniciativas e processos que efetivamente oportunizem a participação dos jovens.

O trecho da música do Charlie Brown Jr também denuncia outro fenômeno comum: a criação de imagens e preconceitos a respeito dos jovens. As representações que

circulam na sociedade e são reforçadas pelas diferentes mídias interferem na maneira de compreender os jovens. Segundo Dayrell e Carrano (2014), é comum que se produza uma imagem das juventudes como uma etapa de transição, passagem. São vistos como um “vir a ser” adulto. A tendência, segundo esse olhar, é a de enxergar as juventudes pelo lado negativo. O jovem é o que ainda não se chegou a ser, negando assim o presente vivido, a cultura juvenil, as juventudes como produtoras de cultura.

Os jovens não são pré-adultos, pois pensá-los desta forma significa destitui-los de identidade no presente em função da imagem que projetamos para eles no futuro. É pensá-los como “etapa preparatória” (CADERNOS PASTORAIS 1, 2013).




Essa imagem convive com outra: ver os jovens como problema (CADERNOS PASTORAIS 1, 2013). A partir dessa perspectiva, o jovem é associado aos problemas que ameaçam a ordem social, relativos a comportamentos de risco e transgressão: os índices alarmantes de violência, principalmente os homicídios, o tráfico de drogas, o consumo de álcool e de outras drogas, a ameaça da AIDS e a gravidez na adolescência são fenômenos que contribuem para cristalizar a imagem de que as juventudes são um tempo de vida problemático.

Segundo Dayrell e Carrano (2014), tal imagem gera políticas de caráter compensatório, e com foco naqueles setores que apresentam características de vulnerabilidade, risco ou transgressão. É preciso cuidar para não criminalizar os jovens

confundindo-os com as dificuldades que possam atingi-los. Cabe ressaltar que muitos dos problemas que consideramos próprios dessa fase, não foram produzidos por eles.

Em contraposição às imagens citadas anteriormente, existe também a possibilidade de perceber os jovens como sujeitos de direitos a caminho da autonomia. Com esse olhar os problemas que os atingem podem ser vistos como expressão de necessidades e demandas não atendidas, sendo compreendidos como fase singular do desenvolvimento pessoal e social, deixando de ser definidos por suas incompletudes e/ou desvios. Esta perspectiva supera a visão negativa sobre os jovens e gera políticas centradas na noção de cidadania, abrindo a possibilidade de considerá-los de modo integral, para os quais se faz necessário políticas e práticas articuladas



intersetorialmente. Isso pode resultar no reconhecimento de um campo de direitos que desencadeie novas formas e conteúdos de políticas públicas e, principalmente, práticas institucionais e educacionais que reconheçam as juventudes nas suas potencialidades e possibilidades e não apenas a partir de problemas.

Adotar a imagem dos jovens como sujeitos de direitos a caminho da autonomia implica reconhecer o seu direito de ser jovem, conhecer a história das juventudes, aprofundar o conhecimento da condição juvenil, contribuir para que se constituam como jovens na construção e afirmação de suas identidades. São essas percepções alternativas ao “jovem problema” que precisam ser construídas se quisermos, de fato, compreender e qualificar nossa atuação

junto às juventudes. Ao contrário, se nos apegarmos a modelos negativos socialmente construídos, correremos o risco de pensar e atuar a partir de olhares reduzidos sobre estes sujeitos, o que resultará, provavelmente, em propostas educativas pautadas pelo “caminho da falta”: falta de responsabilidade, falta de maturidade, de formação, etc.

NOSSO POSICIONAMENTO EM DEZ PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

Como base nos pressupostos apresentados, reafirmamos nosso compromisso de garantir o lugar específico dos jovens na cultura institucional, contribuindo para a educação-evangelizadora das juventudes. Acreditamos que, para tanto, é preciso:

NOSSO COMPROMISSO É COM A PROMOÇÃO DA VIDA

Muitos dos problemas que a sociedade e os educadores enfrentam no contato com as juventudes são decorrentes de incompreensões sobre os contextos, os cotidianos e as histórias de vida dos jovens. Diante de um fato, a tendência é a depreciação, a condenação, a criminalização.

A sociedade, de modo geral, não tem acesso à outra face do jovem, às boas notícias envolvendo as juventudes, aos casos de superação, de liderança, de protagonismo, às histórias cotidianas que nos mostram a riqueza, a pluralidade, o sagrado que neles habita.

Enquanto a maioria condena, nosso compromisso é **promover a vida**. E, reiteramos: não se trata de uma opção momentâ-

nea, ou de um discurso institucional, trata-se de agir de modo coerente com os nossos princípios fundantes. Nosso posicionamento não é de agora, nascemos para promover a vida dos jovens das mais diversas realidades, para acolhê-los na sua integridade, para ser o lugar onde eles podem ser como são, espaços onde são recebidos com olhares compreensivos e não apenas críticos, presos a julgamentos de quem os percebe como problema da sociedade ou etapa efêmera da vida.

É preciso reconhecer suas trajetórias de vida, reconhecer as trajetórias não escolares, suas experiências e seus espaços e tempos por meio dos quais constroem seus modos de vida. É preciso agir e caminhar



com eles, ir ao seu encontro e não querer que se adequem aos nossos modelos de mundo e de vida. Nosso desafio não é apenas o de criar novas metodologias ou atitudes para lidar com os jovens, mas efetivamente abrir-nos a uma reforma do pensamento (MORIN, 2007), a uma mudança interior que nos torne capaz de compreendê-los como sujeitos éticos e autônomos em seus múltiplos territórios existenciais.

JUVENTUDES

REFERÊNCIAS PARA APROFUNDAMENTO

ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: Freitas, Maria Virgínia (org). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 3a ed. Brasília: UNESCO, 2001.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais**, Documentos da CNBB, 85, São Paulo: Paulinas, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). **Civilização do Amor: projeto e missão – orientações para uma Pastoral Juvenil Latino- americana**. Brasília: Edições CNBB, 2013.

DAYRELL, Juarez & CARRANO, Paulo & MAIA, Carla Linhares (orgs.). **Diálogo, sujeitos, currículos - juventudes e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: editora UFMG, 2014.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, n. 24, set/dez, 2003.

ESTATUTO DA JUVENTUDE – mais direitos para a Juventude que transforma o Brasil. www.juventude.gov.br.

FEIXA PÀMPOLS, Carles. A construção histórica da Juventude. In: CACCIA-BAVA, Augusto et all. **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004, p. 257-327.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. **Constituições e Estatutos**. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 1997.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. **Evangelizadores ente os jovens**. Documento de referência para o Instituto Marista, volume 1 / Comissão Internacional da Pastoral Juvenil Marista. São Paulo: FTD, 2011.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. **Missão educativa marista: um projeto para hoje**. São Paulo: Simar, 2000.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez: 2007.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2001.

PERONDI, Maurício. **Narrativas de jovens: experiências de participação social e sentidos atribuídos às suas vidas**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Tese completa disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/72693>.

PROVÍNCIA MARISTA DO RIO GRANDE DO SUL. **Diretrizes da Ação Evangelizadora da Província Marista do Rio Grande do Sul. Elaboração e organização da Assessoria de Pastoral**. Porto Alegre: CMC, 2011.

PROVÍNCIA MARISTA DO RIO GRANDE DO SUL. **Juventudes**. Cadernos Pastorais 1 (organizado pela Coordenação de Pastoral). Porto Alegre: Rede Marista RS | DF | Amazônia, 2013.

REDE MARISTA INTERNACIONAL DE INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. **Missão Educativa na Educação Superior**. Curitiba: Champagnat, 2010.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 2006.

TURU, Emile. **Montagne: a dança da missão**. Carta do Superior Geral, 25 de março de 2015.

UMBRASIL. **Conclusões do XXI Capítulo Geral – Corações Novos para um mundo novo**. Roma, 8 de setembro a 10 de outubro de 2009.

UMBRASIL. **Diretrizes da ação evangelizadora para o Brasil Marista**. Brasília: Umbrasil, 2013.

UMBRASIL. **Projeto Educativo do Brasil Marista: nosso jeito de conceber a Educação Básica**. Brasília: Umbrasil, 2010.

II ASSEMBLEIA INTERNACIONAL DA MISSÃO MARISTA. **Vozes do fogo**. Mensagem final, Nairóbi, 16-27 de setembro de 2014.

JUVENTUDES

Nosso jeito de compreender e atuar junto aos jovens contemporâneos

Rede Marista

Província Marista Brasil Sul-Amazônia

Coordenação Editorial e Redação do documento

Comitê Juventudes da Rede Marista

Composição do Comitê

Instância Canônica e Corporativa da Rede Marista

- Animação Vocacional | Ir. Rodinei Siveris
- Coordenação de Vida Consagrada e Laicato | Aline da Cunha
- Coordenação de Pastoral | José Jair Ribeiro
- Assessoria de Comunicação Corporativa | Lidiane Amorim
- Pastoral Juvenil Marista | Karen Theline Silva
- Jovem | Darlin Marques

Colégios e Unidades Sociais

- Gerência Social | Francisco Giovani
- Gerência Educacional | Renato Capitani

PUCRS

- Centro de Pastoral e Solidariedade da PUCRS | Sophia Kath
- Observatório Juventudes | Maurício Perondi

Produção e supervisão editorial

Assessoria de Comunicação Corporativa

Projeto Gráfico e Diagramação

Bigode Ideias

Revisão

Irmão Salvador Durante

Sobre o Comitê Juventudes da Rede Marista

Este conteúdo foi produzido pelo Comitê Juventudes, grupo nomeado pelo Conselho da Rede Marista, composto por representantes dos empreendimentos e das instâncias canônica e corporativa. Atua no sentido de desenvolver projetos, ações e estratégias que contribuam com a valorização das juventudes na cultura institucional e social, calcados no sentimento que inspirou Marcelino Champagnat à criação do Instituto Marista: responder às necessidades das crianças e jovens de seu tempo, evangelizando-os por meio da educação. Dessa forma, promove espaços de reflexão e participação, incentivando o protagonismo juvenil, aprofundando estudos sobre as culturas juvenis, e buscando comprometer e formar gestores e educadores em relação ao tema.

1



Reconhecer os jovens
como sujeitos de direito
a caminho da autonomia

JUVENTUDES

 MARISTA



Acreditamos que esta é a perspectiva mais assertiva para o estabelecimento de políticas e processos amplos e consistentes que atendam, da forma mais integral e ao mesmo tempo diversificada, às necessidades dos jovens, reconhecendo-os como parceiros e com capacidades de contribuição e participação.



2



Avançar no diálogo*
com as juventudes

JUVENTUDES

 MARISTA



O diálogo é um ato que necessita aprendizagem, esforço, constância, paciência. Dialogar com os jovens é estar convencido de que eles têm algo a dizer, é dar espaço ao seu ponto de vista e às suas propostas, o que não significa renunciar às próprias ideias, mas reconhecer que elas não são únicas e absolutas. Se alguém precisa dar o primeiro passo para o diálogo, que esse alguém seja a própria instituição /unidade/empreendimento, pautada pelos valores e princípios institucionais.

*CF. Turu, Emli. **Montagne: a dança da missão**
Carta do Superior Geral, 25 de março de 2015.



3



Ampliar a escuta*
às juventudes

JUVENTUDES

 MARISTA

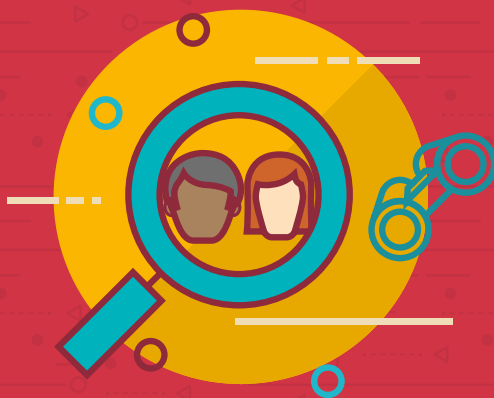


Escutar a si e ao outro se torna condição essencial para o reconhecimento e para o diálogo. Precisamos nos abrir à escuta sensível aos jovens, e exercitá-la como prática que vai muito além do que apenas ouvir. Escutar é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro. Para tal, precisamos escutar os jovens, considerando-os como sujeitos do processo educativo e/ou relaciond. O que nos distancia só pode ser superado se estivermos prontos a escutar e a aprender uns com os outros.

¹ Cf. Turu, Emili. **Montagne: a dança da missão**
Carta do Superior Geral, 25 de março de 2015.



4



Conhecer e aprofundar
a compreensão sobre
as juventudes
contemporâneas

JUVENTUDES

 MARISTA



É importante que se conheça quem são os jovens, suas trajetórias de vida e suas culturas. Para tanto, se faz necessário um processo contínuo de formação de Irmãos, Leigos, gestores, educadores e colaboradores a partir de uma abordagem integral e não restritiva a respeito dos jovens.



5



Repensar as formas de
relacionamento e as
relações de autoridade na
comunidade educativa

JUVENTUDES

 MARISTA



Vivemos um momento histórico onde há um reposicionamento das relações de autoridade e de poder, em que a verticalidade dá espaço à horizontalidade. Isso supõe redimensionar as posições sociais a respeito da forma de exercer o poder e a autoridade, não eliminando-os, mas colocando-os numa perspectiva dialógica. Tal mudança impacta na forma como nos relacionamos e trabalhamos com as juventudes.



6



Contribuir na construção
e acompanhamento
do projeto de vida*

JUVENTUDES

 MARISTA



É preciso motivar os jovens a pensarem em suas vidas, a refletirem sobre si mesmos e sobre o contexto onde vivem, circulam, estudam, trabalham. Provocar a reflexão, contribuir na elaboração das perguntas e incentivar para a busca de respostas é fundamental neste contexto marcado por incertezas.

* Cf. Dayrell, Juarez & Carriano, Paulo & Maia, Carla Linhares (org.). **Diálogos, sujeitos, currículos**, p. 135-149.



7



Fomentar o protagonismo
e a participação juvenil

JUVENTUDES

 MARISTA



Protagonismo juvenil não deveria ser apenas uma metodologia de trabalho proposta para adolescentes e jovens, mas sim, um princípio ético-político-institucional onde toda a ação educativa é realizada com eles. É preciso ver os jovens como interlocutores diretos e não apenas como expectadores. Isso requer que sejam reconhecidos como atores coletivos com capacidade de participação e sejam envolvidos no planejar, executar e avaliar a ação educativa.



8



Formação e compreensão integral das juventudes

JUVENTUDES

 MARISTA



A contemporaneidade é marcada pela necessidade de uma concepção integrada e integradora da pessoa, e, como instituição, acolhemos os jovens na sua pluralidade, os assumimos como sujeitos inteiros, diversos e diferentes, que se relacionam com as pessoas, com o mundo e o conhecimento a partir da sua inteireza e integralidade. Tal compreensão requer que nosso jeito de educar seja pautado na formação integral, que contempla a formação afetiva, ética, social, política, cognitiva e espiritual.



9



Contribuir na defesa
dos direitos dos
adolescentes e jovens

JUVENTUDES

 MARISTA



Os adolescentes e jovens brasileiros correspondem atualmente ao segmento de maior vulnerabilidade social do país, sendo os que mais sofrem com as diversas formas de violência. Por isso, em consonância com os apelos do Instituto Marista (2009), buscamos “converter-nos em peritos e defensores dos direitos das crianças e jovens de maneira valente e profética, nos espaços onde são definidas as políticas públicas”.*

* UMBRASIL. **Conclusões do XX Capítulo Geral – Corações Novos para um mundo novo.** Roma, 8 de setembro a 10 de outubro de 2009.



10



Fortalecer as redes
de atuação junto
às juventudes

JUVENTUDES

 MARISTA



A estruturação de projetos que atendam às juventudes, sobretudo a partir dos 18 de anos, ainda é incipiente no Brasil e necessita de uma série de políticas e esforços coletivos para dar conta das suas diversas demandas. Entendemos que não é possível que uma instituição sozinha dê conta de tamanha necessidade e, por isso, buscamos estabelecer parcerias para criar projetos junto às juventudes, assim como participar de iniciativas de outras instituições e órgãos governamentais que atuam junto aos jovens.





Rede Marista

Rua Irmão José Otão, 11
Bom Fim - Porto Alegre - RS
(51) 3314.0300 - maristas.org.br